

Mailson: boato de choque é especulação

O GLOBO

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

28 SET 1989

21-4-89

WASHINGTON — Pouco antes de embarcar de volta ao Brasil, ontem, o Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, garantiu que não está preparando nenhum "plano de choque" para a economia brasileira. A inquietação verificada no País, nos últimos dias, com as flutuações do dólar no mercado paralelo e também das taxas do overnight, foram atribuídas por ele a interesses escusos.

— Pode haver gente interessada em criar um clima de especulação. Mas dentro do Governo esse assunto é matéria morta — garantiu. Para ele, a esta altura restam poucas alternativas, ao Governo, na tentativa de conter a inflação. E a mais adequada seria a manutenção do estado de coisas, "sem inventar muito".

— Creio que é possível manter a atual situação sob controle, mantendo a nossa política monetária. Vamos pagar o preço que for preciso para isso, seja qual for o nível necessário das taxas de juros para que não haja incertezas no País.

Ele acredita que poderá segurar a inflação no mínimo no seu índice atual, até o fim do Governo Sarney. Em sua opinião, não existem hoje condições políticas para que se realize um novo choque. Os rumores sobre uma alteração de percurso na política econômica foram atribuídos



Mailson: política atual será mantida

por ele a especuladores, cujo interesse seria minar o terreno nos últimos meses da atual administração.

— Não cheguei sequer a conversar com o Presidente José Sarney sobre isso. E não tenho que conversar com ninguém mais a respeito. Isso seria o princípio do fim. Esse plano de choque não existe — reafirmou. Diante da insistência de jornalistas, que lhe

disseram que as informações sobre a adoção de um congelamento geral de preços e de salários estavam sendo veiculadas por funcionários federais, em Brasília, o Ministro rebateu:

— As declarações de funcionários do Governo sobre uma nova política de choque são totalmente irrelevantes.

Seu objetivo, daqui por diante, seria manter uma política monetária "compatível com o objetivo de evitar a desorganização econômica no País".

— Estamos dispostos a pagar qualquer preço para isso. E vamos nos manter firmes nessa postura — afirmou Mailson da Nóbrega, definindo-se, uma vez mais, como sendo "acima de tudo um otimista, mas sem ser irrealista". E acrescentou:

— Acho que dá para segurar a inflação. Ela não aponta para uma explosão, a menos que não consigamos evitar o pânico. Ou então que emoções fortes sejam desatadas por interesse de alguém. Creio que é possível manter a atual situação sob controle — disse o Ministro.

Sobre os rumores de que os bancos comerciais credores do País estariam exigindo uma desvalorização cambial em troca de maior flexibilidade nas negociações da dívida externa, Mailson disse que se trata de "um novo disparate".

— Afirmo categoricamente que não vai haver nenhuma mudança cambial até o final deste Governo.

Meneguelli: contra pacote, greve geral

SÃO PAULO — O Presidente da CUT, Jair Meneguelli, pretende convocar os trabalhadores para discutir a decretação de uma greve geral, se o Governo se decidir por um novo choque na economia. Ele acredita que um choque, neste momento, teria como único objetivo acabar com a atual política salarial que de qualquer forma, em sua opinião, não consegue mais repor o poder de compra do assalariado, em virtude das altas taxas de inflação.

Ele criticou também a posição do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, de reivindicar cesta básica na campanha salarial deste ano:

— Vejo o risco de voltarmos à ida da pedra, quando se trabalhava por um quilo de arroz.

● COSTA COUTO — O Ministro Chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, reafirmou ontem que o Governo não adotará medidas unilaterais ou choques econômicos. Mas admitiu uma revisão negociada no Programa de Emergência elaborado pelo Congresso e a desaceleração na recomposição de tarifas públicas como fórmulas para conter a escalada inflacionária.